

ESCLARECE PONTOS DE VISTA E DESFAZ MAL ENTENDIDOS

(1)

Os leitores estarão lembrados de que, após sua primeira conferência, Max Bill solicitou aos interessados que formulassem as perguntas que desejassem, por escrito, e ele as responderia, também por escrito. Essas perguntas foram feitas e o artista cumpriu sua promessa realizando outra palestra, onde leu suas respostas e fez alguns comentários à margem.

São essas respostas que, conforme havíamos prometido, oferecemos hoje aos leitores desta seção, traduzidas com a maior fidelidade possível do texto em francês escrito pelo próprio Bill. Antes de responder às questões o arquiteto suíço disse o seguinte:

"Num dos jornais do Rio escreveram que minha pintura e minha arquitetura são indiscutivelmente "fracas". Fica então difícil explicá-lhe os meus pontos de vista nestes dois campos, partes integrais de minha atividade.

Os prêmios que eu obtive não me trouxeram um orgulho desmesurado, contudo, sinto que devo acrescentar, como respostas à redação daquele jornal, cujo nome esqueci, que não tive ocasião de mostrar apenas três exemplos de minha arquitetura, pois a arquitetura europeia nasce sob condições muito diferentes que a do Brasil.

Eu não gostaria de dar receitas de arquitetura. Esclareço apenas que a minha mostra arquitetônica não pode ser tão "fraca" assim, pois um dos projetos obteve o grande prêmio da Trienal de Milão, conferido por um júri internacional, e um outro grangeou um segundo prêmio num concurso nacional. Quanto ao terceiro projeto que expus, foi reconhecido com um estudo muito importante de pré-fabricação.

No tocante à pintura, pode-se ter opiniões bastante divergentes. Mas agora eu estou aqui para responder às perguntas que me foram enviadas."

ARQUITETURA E ARTES PLÁSTICA

— V. disse que há um divórcio, ou que não há ligação entre a arquitetura e as artes plásticas. Quer desenvolver esta idéia?

— Na notícia, concernente à minha conferência de sábado passado, publicada no *Correio da Manhã*, estava escrito a minha declaração de que, hoje em dia, "substitui-se" a pintura mural. Foi erro de redação possivelmente, porque eu disse justamente o contrário: hoje superestimamos a pintura mural, até acreditamos demasiado em suas possibilidades. Também não quis dizer que haja divórcio entre as artes plásticas e a arquitetura. Vê-se por toda a parte esta combinação: pintura mural na arquitetura e ornamentação escultural na arquitetura. Isto está presente, aliás, tanto na velha como a moderna arquitetura.

E continua Bill:

— O que mudou foram as formas de expressão. E hoje, muitas vezes, é a pintura dita "abstrata" ou "expressionista" que orna a arquitetura. Uma verdadeira obra de arte cria-se raramente nesta atmosfera de aplicação.

Não vejo outra possibilidade de casamento entre as artes do que por um meio de penetração mais profunda, não pela aplicação, pois, mas num sentido de uma unidade. Meu ponto de vista talvez seja excessivamente individual, uma vez que reúno em mim o arquiteto, o pintor e o escultor. A meu ver, o ideal é quando o próprio arquiteto escolhe seus meios de expressão. Esta, a verdadeira unidade.

ARQUITETURA BRASILEIRA

— Dizem que não lhe agradeu nenhuma obra de arquiteto brasileiro. É uma divergência de princípios? Ou, na sua opinião, uma insuficiência técnica ou artística de nossos arquitetos?

Max Bill manifesta sua surpresa com a pergunta:

— O quê? Disseram isso? Fico me perguntando quem andou espalhando isso em meu nome?!

— Não vim aqui para aprovar nem arte nem arquitetura. Simplesmente para ver e refletir; antes de conhecer as condições do meio não posso dizer nada, nem aprovar, nem criticar.

Tive ocasião de apreciar obras de arquitetura que pedem todo o meu respeito. Por outro lado vi outras que eu não aprovaria. Os senhores próprios conhecem a dificuldade de uma arquitetura no Brasil. Aqui, no Rio, verifica-se, de um lado, a construção em massa, como nas cidades destruídas pela guerra; de outro lado a vitória absoluta da arquitetura moderna.

Entendo por moderno não somente a arquitetura do grupo dos mais adiantados arquitetos, integrantes do CIAM (Congresso Internacional de Arquitetura Moderna), mas ainda muitas outras realizações, algumas, mesmo executadas por especuladores de terrenos. Mas de um modo geral a arquitetura está sob o aspecto da modernidade. Isto nada tem a ver com a qualidade da expressão artística desta modernidade, nada também com os princípios são de um urbanismo avançado, que dá uma esperança para o futuro.

Do ponto de vista urbanístico a arquitetura brasileira é catastrófica. E isto não pode ser remediado com nenhuma obra de arquitetura moderna, por mais alta qualidade que tenha, se não for estabelecida sobre um plano social.

Mas vi o conjunto residencial de Pedregulho e tenho uma pequena esperança. Ele é uma das realizações mais humanas e mais avançadas que já tive oportunidade de ver até o presente. Podem se orgulhar desta realização, aqui, no Rio, e devo felicitar uma comunidade que tem funcionários lutando pelo futuro e o presente.

— Pedregulho é um triunfo urbanístico, arquitetural e social.

PINTURA CONCRETA

— Compreendemos que V., na conferência passada, disse: "a pintura concreta sai do nada". É bem isso?

— Foi um mal entendido. A pintura concreta parte do nada, isto é, ela não tem um programa pré-estabelecido, nenhum sujeito tradicional. Isto não significa que ela não conte com uma base humana. Eu disse "do nada", em comparação com o cubismo, o expressionismo e o abstracionismo, que parte ainda de um sujeito.

A arte concreta não parte de um sujeito, mas de uma idéia. Isto é muito diferente. Primeiro, não se vê nada, a idéia não tem ainda uma forma, mas para esta idéia procura-se uma expressão tão objetiva quanto possível.

ESCOLA SUPERIOR DE CRIAÇÃO

— V. fez a exposição histórica da Bauhaus, mas sobre o programa, os princípios e os métodos da Hochschule für Gestaltung em via de organização, sua exposição foi muito sumária. Pode nos informar com mais detalhes?

— Essa Escola é a continuação do "Bauhaus", um pouco à maneira do avião à reação que é a evolução do avião à hélice. Isto quer dizer que o princípio do voo permanece, e o princípio da energia se transforma um pouco.

O "Bauhaus" baseava-se ainda sobre o princípio da aliança das artes e da arquitetura. Nós já sabemos, por experiência, que esta base não é suficiente. Acrescentamos então a formação profissional a formação da personalidade mesma do estudante, para garantir à sua atividade futura uma influência tão grande quanto possível, no domínio da cultura de nossa idade técnica. Esperamos que esta elite vá formar cursos, para criar, por toda a parte do mundo, centros com o mesmo espírito da nossa escola de Ulm, que é uma escola para apenas uma pequena elite. Ela só comporta 150 alunos, que vêm de diversos países.

As seções do plano de educação, que formam um círculo, são arquitetura, urbanismo, criação de objetos, criação visual, informação. As bases destas seções é um curso de formação fundamental, no qual o estudante adquire conhecimentos criativos no mais vasto plano. É impossível falar mais sobre essa questão que atualmente é muito importante. Perderíamos muitos dias para dar explicações sérias sobre os pontos do estatuto, o programa, eu poderia ter-me baseado sobre as experiências do Bauhaus de Gropius e sobre as experiências que eu próprio fiz. Entretanto, trabalhamos até aqui durante três anos na elaboração dos estatutos da Escola e ainda não paramos de modificá-lo.

A ARTE CONCRETA E A MÚSICA

— V. indicou uma relação entre a arte concreta e a música. É uma idéia que ocorre frequentemente sobre as artes plásticas para facilitar a explicação de harmonia, proporção, ritmos, naquelas artes. Pareceu-me, entretanto, que V. não estava recorrendo a uma simples analogia, e sim a uma afirmação profunda e íntima sobre as próprias raízes da Arte Concreta. Se assim é, pode V. desenvolver este tema tão interessante?

— A Arte Concreta e a Música têm, seguramente, bases comuns. Mas desde que se põem, simplesmente, num paralelo, essas duas expressões humanas, isto soará falso. Já o que podemos chamar de "matéria" na qual se exprime a música ou as artes plásticas, é de tal forma diferente, que as comparações que não sejam muito bem estabelecidas, jamais serão justas.

Aqui só lhe posso assegurar que as criações das artes plásticas, parecendo, muitas vezes, somente "formalistas", não o são, assim como a grande música do barroco não é formalista também, mesmo quando Bach compôs sua música como um matemático calcula seus problemas.

Concluiremos estes pontos de vista de Max Bill, por falta de espaço, na próxima terça-feira, com os seguintes tópicos: Da criação. O gótico como funcional. O racionalismo na arte. Da permanência. O concretismo.

J. M.